

O BOLSONARISMO EM GESTAÇÃO: ANÁLISE DE CONTEÚDO SOBRE TRUMP E O OCIDENTE, DE ERNESTO ARAÚJO

THE PRE-BOLSONARISM: CONTENT ANALYSIS ON TRUMP E O OCIDENTE, BY ERNESTO ARAÚJO

Sergio Schargel¹

RESUMO: O Bolsonarismo não surgiu do vácuo, mas foi um movimento gestado durante anos na política brasileira. Entre os seus pensadores iniciais estava Ernesto Araújo, diplomata posteriormente transformado em chanceler no governo Bolsonaro. Em 2017, Araújo publicou um artigo apologético sobre Donald Trump, no qual atribuía características messiânicas para empreender uma cruzada em defesa do Ocidente frente às hordas islâmicas. Através de uma análise de conteúdo sobre o artigo, e em consonância com as ideias de Zúquete, a proposta deste artigo é identificar características essenciais que constituem o discurso, comparando-as com as formas pelas quais o Bolsonarismo se manifestou logo em seguida de maneira mais consolidada. Analisar em profundidade um material intelectual permite trabalhar com as formas pelas quais o movimento se enxerga, contribuindo para o seu entendimento em um escopo ampliado.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonarismo; Ernesto Araújo; *Trump e o Ocidente*; análise de conteúdo; extrema direita.

ABSTRACT: Bolsonarism did not emerge from a vacuum but was rather a movement gestated for years in Brazilian politics. Among its initial thinkers was Ernesto Araújo, a diplomat later appointed as chancellor in the Bolsonaro

* Artigo desenvolvido como parte da dissertação *Pode o conceito de fascismo ser aplicado ao Brasil? Análise de conteúdo sobre Fascismo, Integralismo e Bolsonarismo*, defendida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) em abril de 2022.

¹ Doutorando em Ciência Política pela UFF. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Bolsista CAPES, ex-bolsista CNPq. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021, que se transformou no livro *O fascismo infinito, no real e na ficção*. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, extrema direita, judaísmo, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>.

government. In 2017, Araújo published an apologetic article about Donald Trump, in which he attributed messianic characteristics to Trump's endeavor in defending the West against Islamic hordes. Through a content analysis of the article, and in line with Zúquete's ideas, the purpose of this paper is to identify the essential characteristics that constitute the discourse, comparing them with the ways in which Bolsonarism appeared in a more consolidated form soon after. Conducting an in-depth analysis of intellectual material allows us to explore how the movement perceives itself, thereby contributing to a broader understanding of it.

KEYWORDS: Bolsonarism; Ernesto Araújo; *Trump e o Ocidente*; content analysis; far-right.

Introdução

“Se a razão não abrir os olhos e prevalecer, então talvez só nos reste o riso”
(MCEWAN, 2020: 102).

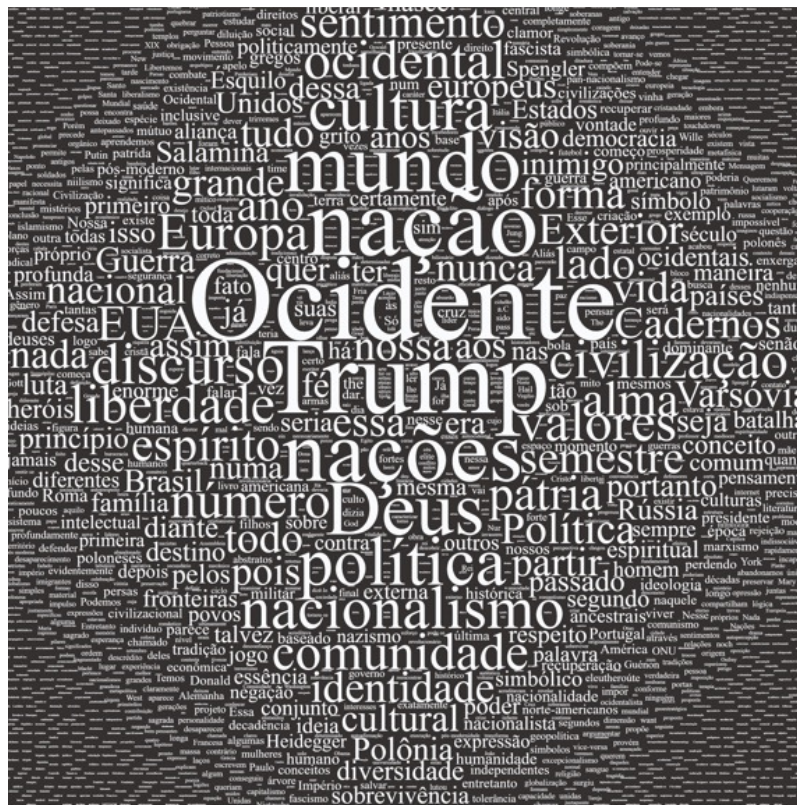
O Bolsonarismo transcende e precede Bolsonaro, como sugere Sergio Schargel (2022). Da mesma forma que o Fascismo com Mussolini, o nome apenas rotulou e aglomerou um emaranhado de traços que já existiam em dispersão. Muitos dos argumentos do general Sérgio de Avellar Coutinho (2002) seriam, por exemplo, posteriormente absorvidos por Bolsonaro. Esses argumentos em si já são uma reconstrução do secular anticomunismo militar. Este artigo pretende promover análise de conteúdo sobre o artigo de Ernesto Araújo, *Trump e o Ocidente*, publicado em 2017.

Ernesto Araújo é filho de Henrique Fonseca de Araújo, Procurador-Geral da República durante a Ditadura. Henrique se notabilizou ao recusar-se a extraditar o criminoso nazista Gustav Frank Wagner, mesmo após solicitações de quatro nações distintas, argumentando que seus crimes estavam prescritos (SPERB, 2019). Já Ernesto, a despeito de sua carreira como diplomata de menor destaque, foi alçado ao posto de Chanceler no governo Bolsonaro, no qual permaneceu do primeiro dia de governo até 2021. Sua demissão não se deu por divergências com Bolsonaro em si, mas por pressão dos demais poderes (ORTIZ, 2021). Uma vez mais, pondo em xeque a arbitrária divisão entre “ala ideológica” e “ala técnica” do governo, as ideias de Araújo bebem diretamente das de Coutinho (2002), corroborando a noção de que há, na prática, uma

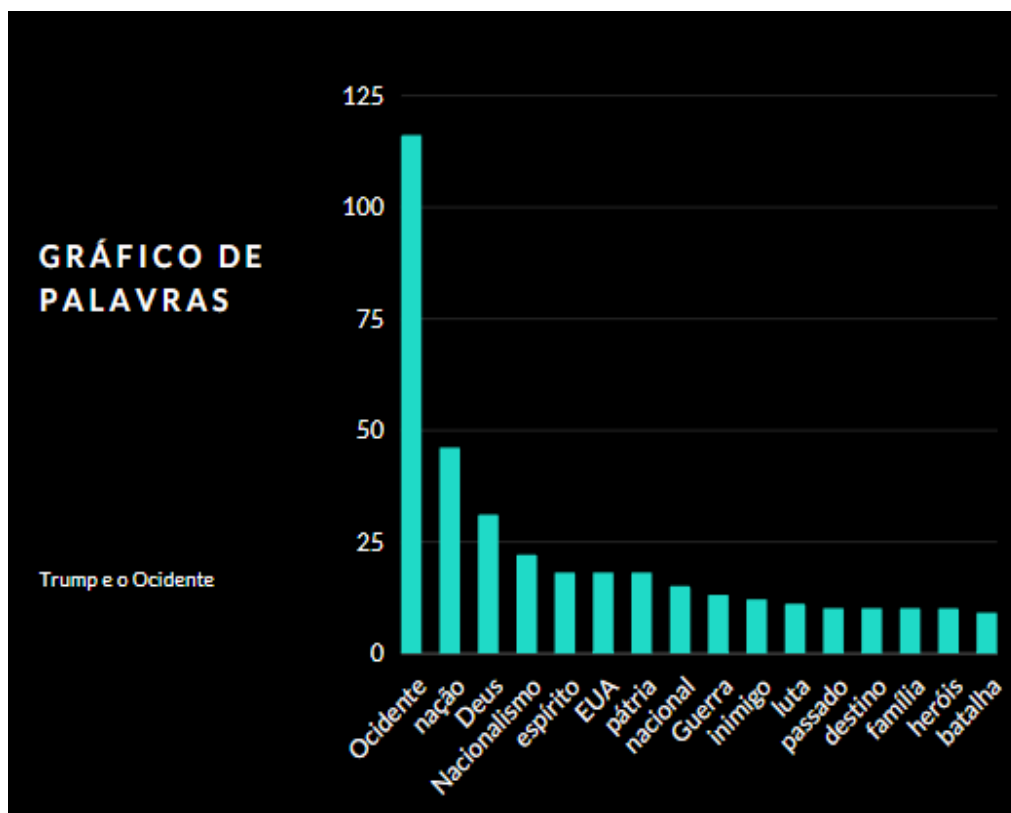
simbiose entre os dois setores e as ideologias são dialógicas. Isto porque parte de suas ideias já é antecipada pelos militares. Ademais, Araújo colhe muito de suas visões de Olavo de Carvalho, ele próprio presença frequente nos quartéis.

Entre outros, aparecem fortes traços como a tanatofilia, os inimigos objetivos desumanizados, o conspiracionismo paranoico, o culto ao Messias, entre outros, o que é revelado pela nuvem e gráfico de palavras abaixo:

Figura 1 - Nuvem de palavras sobre *Trump e o Ocidente*



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de *Trump e o Ocidente* e do software WordClouds.

Figura 2 - Gráfico de palavras sobre *Trump e o Ocidente*

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de *Trump e o Ocidente* e do software WordClouds.

O título em si dita o tom salvacionista e reacionário: o Ocidente está em crise, correndo risco de extinção, e somente o Messias pode salvá-lo. No caso, o então presidente estadunidense Donald Trump. Lutam contra ele uma série de inimigos em batalha mortal, como o Islã e o comunismo. Somente a “recuperação do passado simbólico, da história e da cultura das nações ocidentais” (ARAÚJO, 2017: 323) pode preservar o Ocidente, da qual decorre a necessidade de recuperar os ideais combatidos do nacionalismo e da religião cristã, abandonados em função do “globalismo” comunista. Trump está em um momento decisivo, pois o Ocidente respira através de aparelhos. Fazendo uma comparação com o futebol americano, Araújo (2017: 323) afirma que a “extraordinária” eleição de Trump foi essencial para manter o oxigênio escasso do Ocidente. Justifica que Trump é a personificação de um *touchdown*, um gol de último minuto que salva um time que está perdendo.

Claro que o Ocidente, aqui, é tomado por uma visão eurocêntrica, e Araújo (2017: 345) não faz qualquer esforço para esconder isso. Segundo ele, o Ocidente teria desaparecido, colapsado por suas guerras internas, não fossem os EUA assumirem a liderança ao final da Primeira Guerra. Os europeus teriam cometido suicídio em relação à sua própria civilização, o que é personificado na massa amorfa da União Europeia, e apenas os EUA impedem que a noção de Ocidente seja completamente destruída pela islamização. A Europa em si já teria sido corrompida por esse processo de disseminação islâmica, valorização da diversidade e propagação do ateísmo (ARAÚJO, 2017: 345).

Por todo o artigo, Araújo (2017: 324) se defende de acusações de que ser partidário de uma autodefesa do Ocidente seria uma atitude fascista, chauvinista, racista ou xenófoba. Para isso, repete Coutinho (2002) quando diz que o politicamente correto se alastrou nas diversas trincheiras do Ocidente e impede que o debate sobre “luta de civilizações” seja levado a sério. Da mesma forma, ainda que de maneira mais intensa, encontra eco em Coutinho (2002) ao entender que seus valores estão ameaçados por uma esquerda invisível que atua através de diversos setores na tentativa de destruí-los. Ou mesmo Mussolini (2006) e Salgado (1950), que argumentavam que a Itália e o Brasil deveriam se destacar na “luta de nações”, uma abstração que deveria substituir a luta de classes. A própria noção de Ocidente — um dos termos mais frequentes, juntamente com “Trump” e “ocidental” — de acordo com Araújo (2017: 324), caiu em desgraça em função do politicamente correto e da disseminação do comunismo globalista.

Para Araújo (2017: 324-325), o Ocidente não é apenas um aglomerado difuso de nações que compartilham um território em comum, mas sim a união cultural e espiritual de valores compartilhados há milênios. O Ocidente, mais do que uma região, é uma cosmovisão, uma filosofia que agrupa ideais nacionalistas, uma “enorme massa de palavras e sentimentos, ideias e crenças formada ao longo de 25 ou 30 séculos” e que hoje se encontra “com sintomas sérios de debilidade e até mesmo demência, dando a impressão de que, deixadas as coisas ao seu curso natural, poderá desaparecer para sempre em poucos

anos” (ARAÚJO, 2017: 325). Sua argumentação expressa o que há de mais reacionário: valores corrompidos por um inimigo invisível, onipotente e onipresente, do qual decorre a necessidade de uma ruptura para resgatar esses ideais perdidos. Trump seria essa ruptura, “o único estadista ocidental que entende o jogo e está disposto a jogá-lo, o único que percebe a urgência destes últimos segundos do último tempo” (ARAÚJO, 2017: 325). Um herdeiro direto de Ronald Reagan, responsável, na visão de Araújo (2017: 325), pela derrota do formato anterior do comunismo. Ou ainda de Winston Churchill, colocado por Araújo (2017: 329) como personificação do sentimento ocidental de defesa “da liberdade e da civilização diante da barbárie”, ignorando que Churchill manifestou diversas simpatias pelo Fascismo antes da Guerra (RIEMEN, 2020). Se Churchill venceu o marxismo-nacionalista e Reagan conseguiu vencer o marxismo-leninismo, Trump seria o novo escolhido com a missão de derrotar o marxismo-gramscismo, o formato de “neo”comunismo. Expressa também anti-intelectualismo, ao sugerir que políticos anteriores foram incapazes de salvar o Ocidente porque eram “hiperintelectualizados” (ARAÚJO, 2017: 325).

Contraditoriamente, o próprio Araújo (2017: 325) alega que o Ocidente, pelo menos como região, concentra força militar, econômica e política suficiente para enfrentar ameaças como Rússia, China ou Coreia do Norte. No entanto, isso não se reflete em seus valores, que são progressivamente abandonados. É uma patologia da alma, não uma patologia física, como evidenciado pelo uso frequente de termos como “valores”, “alma” e “espírito”.

Para Araújo (2017: 325), o marco da reação do Ocidente à sua iminente destruição foi um discurso de Trump em Varsóvia, em 6 de julho de 2017. Nesse discurso, Trump reconheceu, em sua opinião, que o Ocidente está com um tumor crescente que se espalha. No entanto, Trump seria a quimioterapia, um último recurso de sobrevivência, uma reação a esse conjunto de valores espirituais que se disseminam por territórios geopolíticos e os tornam potenciais aliados. Isso se deve à coragem de Trump, que, ao contrário da “elite hiperintelectualizada” formada pela *Ivy League*, teve a disposição de enfrentar a degeneração da cosmovisão ocidental.

O discurso de Trump, para Araújo (2017: 325), é simbólico pela importância histórica que identifica na Polônia. Sugere que o país é ícone de resistência política e fé, primeiro por ter sobrevivido aos nazistas — ignorando completamente o colaboracionismo polonês durante a Guerra, deslocada apenas à função de vítima (semelhante ao que ocorre com a Áustria criticada pela peça de Bernhard, *Praça dos heróis*) — e posteriormente aos comunistas. A Polônia, então, encarna o sentimento que o Ocidente precisa adotar para resistir à sua própria destruição (e, em alguns casos, autodestruição, como no exemplo do Nazismo). Nada mais alegórico do que um encontro do Messias com o símbolo, portanto, corroborando a necessidade de quebrar um paradigma de degeneração, pois, como diz citando Trump, “No povo polonês [...] vemos a alma da Europa” (ARAÚJO, 2017: 325). A união entre Messias e símbolo, como Araújo (2017: 325) admite, é perfeita para inspirar a Europa e os Estados Unidos a se lembrarem do que são de fato, de que a união entre eles ultrapassa apenas uma aliança militar ou econômica, e consiste de uma “essência comum” (ARAÚJO, 2017: 325).

Durante todo o texto, Araújo (2017: 326) lembra de diversas passagens históricas nas quais o Ocidente ameaçado conseguiu se reerguer e se defender frente a inimigos que, com frequência, são identificados com o comunismo, o nazismo ou o Islã. Ignorando que, teoricamente, o nazismo — ou mesmo o comunismo — surgiu no mesmo Ocidente. O Islã aparece como um dos alvos preferenciais, e Araújo (2017:326) frequentemente toma exemplos de oportunidades em que a Europa reagiu contra “a dominação islâmica”, como alerta à necessidade de igual reação hoje. Na prática, Araújo (2017:326) divide as ameaças ao Ocidente — que, segundo ele, está muito mais fragilizado do que se possa pensar inicialmente — em “ameaças visíveis”, como no caso do islã e da “burocracia”, e invisíveis, no caso da “perda da própria identidade ocidental, a perda do espírito, o desaparecimento dos ‘laços de cultura, fé e tradição que nos fazem quem somos’” (ARAÚJO, 2017: 326-327). As forças “antiocidentais” são externas e internas, e é no segundo grupo que reside o maior perigo, pelo conseqüente apagamento da união por meio de valores em

comum. É revelador que Araújo coloque com tanta frequência termos como “guerra”, “inimigo”, “luta” e “batalha”.

Também não fica de fora o apelo à religião e ao passado religioso de modo geral. Araújo (2017: 326) lembra de uma das figuras polonesas de maior destaque recente, o Papa João Paulo II. O toma como exemplo da importância de a Europa resgatar o seu cristianismo, corrompido em função do globalismo, da imigração e da diversidade cultural e étnica. Afirma que o povo europeu deseja Deus, precisa de Deus — que aparece como um dos termos mais mencionados —, como guia para retornar à prosperidade, para tornar a Europa grande novamente. Aliás, é sintomático (assim como também o é a palavra “passado” ser uma das que mais aparecem) a expressão “tornar a América grande novamente” como síntese da ideologia reacionária de Araújo, baseada nos princípios de destruir para renascer. Somente através da destruição de um cenário corrompido, pode renascer “uma fusão do nacionalismo com a fé, a fé como parte integrante do sentimento nacional e vice-versa” (ARAÚJO, 2017: 327). A mescla de fundamentalismo religioso com nacionalismo não falha em se aproximar das concepções de Plínio Salgado e do Integralismo² de modo geral, para quem é imprescindível uma nação brasileira imbuída pela fé cristã.

Para Trump, o clamor dos poloneses por Deus, pela volta de Deus ao centro de suas vidas juntamente com a recuperação da nacionalidade, a fé e a pátria renascendo juntas depois de estraçalhadas pela ditadura materialista e “internacionalista” imposta pelos soviéticos, esse clamor volta a ser hoje o clamor do Ocidente” (ARAÚJO, 2017:327).

O Ocidente, como filosofia, como valor, como cosmovisão, se baseia não apenas na fé cristã, mas também no nacionalismo. Por mais paradoxal que possa soar, é um território geopolítico marcado pela valorização das nações. Uma aproximação entre elas, assim, em que o conceito e a demarcação de

² Movimento brasileiro de matriz fascista que se disseminou no Brasil nos anos 1930. Plínio Salgado encontrou inspiração no Fascismo italiano ao conceber o Integralismo, após um encontro com Mussolini, que chegou a apoiar financeiramente os primórdios do Integralismo de Plínio (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 13). Ao menos até ser forçado ao exílio devido à perseguição ao Integralismo pelo Estado Novo, é plausível interpretar o Integralismo como uma versão brasileira do fascismo.

nação são fundamentais para seu entendimento em si: “Uma comunidade, portanto, onde os particularismos não são um acidente, mas a sua própria essência e conformam um todo orgânico, indispensáveis à saúde e pujança do conjunto” (ARAÚJO, 2017:328). Ou, como diz, uma formação a partir das nações, não por cima delas. Uma união delas como nações, não como uma massa disforme tornada uma cultura e etnia única e global.

Além do princípio da fé cristã e do nacionalismo, outros preceitos menores também caracterizam os valores do Ocidente. Araújo (2017: 328) elenca, por exemplo, a arte. Contudo, somente a arte, como diz Trump, “inspiradoras que honram a Deus” (2017: 328). Como no medievalismo, a função da arte passa a ser não mais do que muleta à religião, como forma de enaltecer a grandeza divina. A arte crítica, mesmo cínica, livre, secular, não é desejada. Em sentido semelhante, “a celebração dos heróis, das tradições e dos costumes imemoriais”, em suma, a celebração e idealização do passado (ARAÚJO, 2017: 328). Também, em sintonia com Salgado (1950), coloca a família como sol através do qual as demais esferas giram. Por fim, elenca o Estado de direito, a liberdade de expressão — ferramenta capturada como forma de se disseminar discursos de ódio ante a justificativa de que a liberdade deve ser absoluta — e, ironicamente, considerando sua participação no governo Bolsonaro, “o empoderamento das mulheres” (ARAÚJO, 2017: 328). Parte desses argumentos podem ser vistos em algumas das palavras mais utilizadas: “nação”, “cultura”, “nacionalismo”, “civilização”, “liberdade”, “comunidade”, “EUA”, “Europa”, “pátria”, “nacional”, “família”, “heróis”, “destino”.

Na prática, Araújo se aproxima de uma estratégia que José Pedro Zúquete (2011) identificou como padrão da extrema direita europeia: utilizar uma defesa retórica de grupos minoritários, sempre em aspectos bem pontuais, para atacar outros. Em seu artigo, Zúquete analisa como o feminismo e o judaísmo foram parcialmente capturados por líderes como Geert Wilders para atacar o islã. A islamofobia se funde com uma leitura particular de um feminismo no ataque, por exemplo, às vestes islâmicas: “Quando se discute a situação das mulheres no Islão, a extrema direita europeia avança argumentos

que, num passado não muito distante, seriam considerados exclusivos dos grupos progressistas feministas do Ocidente” (ZÚQUETE, 2011).

Em outra frente, e em consonância com a proximidade do Bolsonarismo com o sionismo³, uma parte da extrema direita europeia também se aproximou de Israel. Ainda que o antissemitismo secular permaneça em parcelas dessa extrema direita⁴ — com o qual vale destacar os esforços antissemitas de países da Europa oriental, por vezes travestido, por vezes explícito, contra a figura do bilionário judeu George Soros —, outras destilam um pró-sionismo, ao menos no campo discursivo, semelhante ao que faz Bolsonaro (ZÚQUETE, 2011).

A corrente migratória para a Europa, intensificada com a Guerra da Síria, gerou uma nova onda de estranhos e inimigos objetivos, novos “outros” para o efeito de desumanização típico do fascismo. Não obstante, os ataques terroristas da última década levaram o imaginário dessa extrema direita a acreditar, como Araújo (2017) não deixa de comprovar, que a Europa está sendo transformada em um continente islâmico, “Eurábia” (ZÚQUETE, 2011). No entanto, isso também torna claro o discurso deslocado de Araújo: se o Brasil não enfrenta imigração islâmica ou ataques terroristas, seus ataques ao Islã parecem fora de propósito, além de evidenciar o eurocentrismo de sua compreensão do Ocidente. Nesse ponto, embora também haja semelhanças, Araújo (2017) destila aspectos que soam estranhos ao próprio Bolsonarismo de Bolsonaro. O Islã como inimigo objetivo não aparece em outros materiais do Bolsonarismo e se aproxima mais intensamente da extrema direita europeia e de movimentos como o *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* (Pegida), expressão em alemão para *European Patriots* contra a Islamização do Ocidente. Conforme o nome indica, o Pegida também se opõe

³ Ainda que seja uma proximidade paradoxal e mais voltada para os interesses pentecostais, dado que o Bolsonarismo não se eximiu de diversas demonstrações de antissemitismo. Dessas, o caso de Roberto Alvim, quando, em 2020, o então Secretário da Educação gravou um depoimento buscando emular Joseph Goebbels, é certamente o mais explícito.

⁴ De acordo com uma pesquisa da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA), nos últimos cinco anos, pelo menos 50% dos judeus entrevistados sofreram alguma forma de violência antissemita na Alemanha e na Bélgica, seguido por cerca de 40% nos Países Baixos, Polônia, Espanha, Suécia e Dinamarca. De acordo com a mesma pesquisa, a maioria do antissemitismo aparece na internet, impulsionado pela anonimidade da rede global, representando cerca de 80% de todos os casos (KIRBY, 2018).

ao que entende como decadência e morte do Ocidente. De fato, a visão de Araújo sobre a decadência ocidental em muito se assemelha aos novos ventos fatalistas da extrema direita europeia, conforme evidenciado por Zúquete:

Uma das forças motrizes da ideologia da extrema direita é a ideia de declínio, seja da nação, ou, cada vez mais, da Europa. Num contexto em que existe a percepção de que os sinais irreversíveis da “decadência” estão por todo o lado, os líderes de extrema direita retratam os seus grupos como os “últimos defensores” das suas comunidades perseguidas, cuja identidade cultural, autenticidade, e independência se encontram ameaçadas pelas forças nacionais e globais. O “desaparecimento” ou “morte” da comunidade é, nestes discursos, uma possibilidade real que se agiganta num horizonte próximo. O patriarca da extrema direita europeia, Jean-Marie Le Pen, avisou repetidamente que a França e a Europa, devido à imigração massiva e à queda demográfica, estão a viver como que no arame. A sua filha Marine Le Pen defende que “a continuarmos assim, a Europa deixará de ser a Europa [mas] tornar-se-á uma República islâmica”, acrescentando que “estamos num ponto de viragem, e se não protegermos a nossa civilização, ela desaparecerá”. Para o líder do Partido Nacional Britânico, o que está em causa é a sobrevivência da Europa, por causa da “imigração massiva ininterrupta e da elevada taxa de nascimento dos muçulmanos, aliada à nossa taxa suicidamente baixa (ZÚQUETE, 2017).

A escolha arbitrária de George Soros, um bilionário judeu sobrevivente do Holocausto, como inimigo objetivo, começando em seu país natal, Hungria, e depois sendo difundida para os Estados Unidos, Turquia e Itália — onde Matteo Salvini afirmou que Soros queria imigrantes porque “ele gosta de escravos” (RUDIN, 2019) —, Reino Unido — onde Nigel Farage, líder do Brexit, sugeriu que Soros era o maior inimigo do Ocidente (RUDIN, 2019) — e importada para o Brasil, merece uma análise aprofundada. No caso de Soros, Orbán adota um antissemitismo mal disfarçado. O argumento antissemita por trás do ódio a Soros reside na ideia de que ele seria um manipulador, responsável por inundar o Ocidente com hordas islâmicas para enfraquecê-lo e facilitar a dominação mundial pelos judeus. Ao ressuscitar velhas ideias da extrema direita europeia, é sempre sugerido que há um judeu por trás de uma conspiração para destruir o Ocidente. O antissemitismo muitas vezes se mistura

com o ódio a outros grupos étnicos, ideológicos ou culturais, como feministas, comunistas, homossexuais e negros, conforme apontado por Slavoj Žižek, citando um artigo de um jornal de extrema direita esloveno:

‘George Soros é uma das pessoas mais depravadas e perigosas da nossa época, está por trás da invasão empreendida pelas hordas negroides e semíticas e, portanto, do crepúsculo da UE [...]. Como um típico talmudo-sionista, é inimigo mortal da civilização ocidental, do Estado-nação e do homem branco europeu’ Seu objetivo, prossegue o autor, é formar uma “coalizão arco-íris, composta por maginais sociais, como veados, feministas, muçulmanos e adeptos do marxismo cultural que odeiam trabalhar’, a qual se encarregaria então de proceder a ‘uma desconstrução do Estado nação, transformando a UE numa distopia multicultural dos Estados Unidos da Europa’. E que forças estão enfrentando Soros? ‘Viktor Orbán e Vladimir Putin são os políticos perspicazes que entenderam perfeitamente as maquinações de Soros e, logicamente, proibiram a atividade de suas organizações’ Além disso, segundo o comentarista esloveno, Soros é inconsistente em seu apoio ao multiculturalismo: ‘Ele o promove exclusivamente na Europa e nos EUA, ao passo que, no caso de Israel, de uma maneira que para mim faz todo o sentido, Soros concorda com o monoculturalismo, o racismo latente e a construção de um muro no país. Diferentemente do que propõe no EU e nos EUA, ele também não pede que Israel abra suas fronteiras e aceite ‘refugiados’. Uma hipocrisia característica do talmudo-sionismo.’ [...] a ameaça à Europa vem das hordas de refugiados muçulmanos, mas por trás desse fenômeno caótico estão os judeus” (GEISELBERGER, 2019:295-296).

Soros, na verdade, é um defensor do social-liberalismo e da globalização, opondo-se ideologicamente ao nacionalismo e ao libertarianismo, como discutido em seu livro *Globalização*. Nele, ele defende um liberalismo “humanizado” que busca conciliar medidas sociais e não é irrestrito. Além disso, Soros destina parte de sua fortuna à Open Society Foundations (OSF), uma entidade que, em suas próprias palavras, tem como objetivo promover “justiça, governança democrática e direitos humanos”. Sua posição antinacionalista tem sido alvo de críticas por parte da extrema direita em diferentes partes do mundo, incluindo os bolsonaristas, que o veem como personificação do que eles entendem por globalismo, como mencionado por Araújo (2017).

A paranoia atingiu seu ápice com a criação de uma efeméride absurda: o “Dia Internacional de Combate a George Soros”, celebrado no mesmo dia do aniversário do filantropo. Essa data é justificada pelo Movimento Brasil Conservador, que inclui membros como Abraham Weintraub, Eduardo Bolsonaro, Sara Winter e o próprio Jair Bolsonaro, como uma forma de denunciar Soros como “o maior financiador da esquerda no mundo, responsável por derrubar governos e desestabilizar nações”. De acordo com o movimento, a agenda de Soros abrange desde a destruição da cultura judaico-cristã, legalização do aborto, ideologia de gênero até a censura da internet (MARTINS, 2020). A organização chega a afirmar que Soros estaria envolvido na renúncia do papa Bento XVI.

Soros chegou a sofrer um atentado junto com personalidades do Partido Democrata como Barack Obama e Hillary Clinton em 2019, com bombas colocadas nas caixas de correio. O dispositivo não explodiu, mas “O FBI relacionou as bombas a uma van branca coberta de adesivos pró-Donald Trump e anti-Partido Democrata, estacionada em um supermercado na Flórida”, e o perpetrador afirmava que “o mundo está acordando para os horrores de George Soros” (RUDIN, 2019). A extrema direita estadunidense logo passou a defender a teoria da conspiração de que Soros havia forjado os atentados com a intenção de prejudicar a reputação do Partido Republicano às vésperas das *midterm elections*. A teoria da conspiração não se limitou à internet e redes sociais, encontrando eco em veículos alinhados aos trumpistas, como a Fox News, onde um apresentador declarou: “Notícias falsas e bombas falsas. Quem poderia se beneficiar de tantas falsidades?” (RUDIN, 2019).

Não há conflito ou ataque que Soros não receba a culpa por parte da extrema direita, tendo sido acusado, entre outros momentos, de criar o vírus da COVID-19 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2021), fragilizar o Ocidente com caravanas de imigrantes (um argumento que explicita o estado-unidensecentrismo ao ignorar que esses mesmos imigrantes, no caso de latino-americanos, também são ocidentais) ou de financiar os confrontos de

Charlottesville⁵ (RUDIN, 2019). Reencenando a conspiração do “judeu internacional”, não importa o desastre: o judeu está sempre por trás dele, mexendo as conspirações como o marionetista que é. Ou, como disse Orbán, ecoando o antissemitismo clássico dos fascismos do passado, mas agora escondendo a palavra “judeu”, há um inimigo “Não nacional, mas internacional. Não acredita em trabalho, mas especula com dinheiro. Não tem pátria própria, mas acredita que tem o mundo inteiro” (RUDIN, 2019). Vale lembrar que a Hungria, além de um dos países colaboracionistas, foi responsável pelo aniquilamento de meio milhão de judeus, quase 10% do total, durante o Holocausto. Por fim, Trump riu ao ouvir um homem clamando pela prisão de Soros e declarou que “não ficaria surpreso” se Soros estivesse por trás das caravanas de migrantes (RUDIN, 2019).

Além do atentado a bomba, o nome de Soros esteve involuntariamente ligado ao ato de antissemitismo mais violento da história estadunidense: o ataque à Sinagoga de Pittsburgh em 2018, em que um homem assassinou onze judeus. Um homem, segundo relata uma matéria da BBC, “obcecado por George Soros”, e que o bilionário estaria por trás do “genocídio branco” (RUDIN, 2019) — ideia que não por coincidência está presente nos escritos de Ernesto Araújo (2017), ele próprio um defensor das teorias da conspiração contra Soros.

Mas Araújo não é o único bolsonarista a desumanizar George Soros. Seu professor, Olavo de Carvalho, ainda que se coloque com frequência a favor do Estado de Israel⁶, destila fragmentos de um antissemitismo em sua obra, uma vez mais paradoxalmente dissimulado e explícito. Em seu livro “Os EUA e a Nova Ordem Mundial”, Carvalho (2012: 137) incorre na mesma imagem do “judeu internacional”, ao defender que a mídia é controlada por magnatas judeus que impõem uma agenda esquerdizante, como o *Le Monde*. Na mesma

⁵ Os confrontos de Charlottesville ocorreram durante um protesto de supremacistas brancos e um contraprotesto em Virgínia, EUA. Uma pessoa morreu e 33 ficaram feridas quando um carro atropelou os manifestantes do contraprotesto. O motivo da manifestação de extrema direita foi a intenção de retirada de monumentos Confederados da Guerra Civil Estadunidense

⁶ Uma defesa relativamente recente, já que em seu livro de 1995, *O jardim das aflições*, deixa explícito o seu antissionismo. Chega ao ponto de culpar o sionismo pelo Holocausto.

página, Carvalho menciona Soros não como vítima do Nazismo, mas como perpetrador, como um “judeu que ajudou os nazistas a tomar as propriedades de outros judeus” (CARVALHO, 2012: 137). Repete os mesmos argumentos de Hitler, Mussolini e Gustavo Barroso⁷, ao dizer que judaísmo e bolchevismo são sinônimos. Basta uma pesquisa simples no *Google* para ver o quão infundadas são essas afirmações: além da *fake news* sobre o *Le Monde*, é importante ressaltar que Soros tinha quinze anos quando a guerra chegou ao fim.

O atentado levou à última instância o ódio ao povo judaico já perceptível nos discursos contra Soros. Por esses motivos, George Soros é exemplo vivo de como o antissemitismo não morreu com o Holocausto, e por mais que os judeus sejam utilizados como método da extrema direita europeia anti-islã, outros fragmentos da extrema direita global permanecem intimamente antissemitas. Em suma, Soros tornou-se o bode expiatório perfeito para autoritários ao redor de todo o planeta. De acordo com a matéria da BBC, uma estratégia articulada por Orbán para capitalizar, ainda que sem verbalizar, o antissemitismo (RUDIN, 2019). Em outras palavras, um antissemitismo paradoxalmente explícito, mas ao mesmo tempo dissimulado por meio de estratégias de personificação.

Araújo (2017: 329) não apenas não faz qualquer esforço para dissimular o seu nacionalismo ou reacionarismo, como os exalta. Para ele, encarnando o que há de mais típico na tradição reacionária, toda a criação política, econômica e cultural desde o Iluminismo é vista como degenerada — chega a colocar Iluminismo entre aspas, como forma de rejeitá-lo. O passado deve ser exaltado, não rejeitado, pois nele reside o futuro da utopia regressiva: “Desde o ‘Iluminismo’ toda a tradição liberal e revolucionária constituiu-se numa rejeição do passado” (2017:329). Em eco a Joseph de Maistre (1974), o Iluminismo, portanto, deturpou e afastou o homem ocidental de valores como Deus, os heróis — não sem motivo, fala em mais de uma oportunidade no culto bélico ao herói sacrificial, morto pela grandeza da nação — e a família, e é

⁷ Nas palavras de Gustavo Barroso: “os judeus são os maiores capitalistas do mundo, donos das maiores fortunas do planeta Terra e ao mesmo tempo são os criadores do comunismo” (apud GONÇALVES; NETO, 2020: 171).

preciso resgatá-lo. Abandonando esses valores, o homem contemporâneo, iluminista, liberal, não se torna mais do que uma casca vazia sem alma. Não há paixão, não há religiosidade, resta apenas cinismo, corrupção e ateísmo, sinônimos:

O homem pós-moderno não tem ancestrais, as sociedades pós-modernas não têm heróis. Trump, ao falar de alma, desafia frontalmente o homem pós-moderno, que não tem alma, que tem apenas processos químicos ocorrendo aleatoriamente entre seus neurônios. Trump fala de Deus, e nada é mais ofensivo para o homem pós-moderno, que matou Deus há muito tempo e não gosta que lhe recordem o crime (ARAÚJO, 2017:329).

Em seguida, Araújo se adianta às acusações de que seus argumentos ou os de Trump seriam manifestações de fascismo, ou mesmo apenas de “mau gosto” (ARAÚJO, 2017: 329). Sugere, nos moldes do que Coutinho (2002) dizia, que a esquerda se disseminou nas diversas fronteiras do Ocidente, de modo que se tornou a ideologia dominante. Como tal, ela passou a classificar tudo o que a desagradava como fascista. Araújo (2017: 329) afirma categoricamente: “Sim, vivemos em um mundo onde falar dos heróis, dos ancestrais, da alma e da nação, da família e de Deus é, para grande parte da ideologia dominante, uma indicação de comportamento fascista”. Contudo, como apontam autores como Robert Paxton (1998), princípios como valorização bélica de heróis e messias, do passado, de ancestrais, de uma visão espiritualista da História, do princípio básico da família como pilar da nação e, no caso particular do Integralismo, Deus (GONÇALVES; NETO, 2020), são alguns dos traços identificados em Mussolini (2006) e em Plínio Salgado (1950).

Lança mão da banalização do conceito de fascismo, conforme este foi utilizado para classificar tudo que desagradava à esquerda, para negar que Trump ou ele próprio sejam fascistas, por mais que os traços que sugeriu, como visto, se aproximem. De fato, a banalização do conceito de fascismo o enfraqueceu (BRAY, 2019) e chega, como aqui, a fazer com que o espantalho seja utilizado como ferramenta catártica para purificar equivalentes contemporâneos ao fascismo. Se antes o acusado de fascismo era punido em

“gulags”, hoje recai sobre ele “o ridículo” (ARAÚJO, 2017: 329). Todavia, alerta Araújo (2017: 329), o ostracismo pode evoluir novamente para a violência, o que já começa a acontecer com grupos “terroristas” como os “antifascistas”.

O culto ao belicismo também se faz presente, assim como a tanatofilia. Araújo (2017:330-331) defende que uma das razões pelo que enxerga como inevitável colapso do Ocidente é que, ao contrário dos muçulmanos, os ocidentais não estão dispostos a morrer por sua civilização. Preferem que ela desapareça, seja engolida pelo Islã, a se sacrificar por ela. A morte se torna cultuada, exaltada, em função do bem maior, da mesma forma que Mussolini (2006) e Salgado (1950) o faziam. Uma guerra permanente, constante, invisível. O fascismo não pode passar sem, além de um inimigo objetivo, uma ameaça também invisível para movimentar ansiedades a respeito de um estado de guerra incessante. Lembra o romance de Dino Buzzati, *O deserto dos Tártaros*, no qual o protagonista aguarda por toda a sua vida uma invasão que nunca vem e, quando ela enfim vem, ele é impedido de lutar pela velhice.

Também da mesma forma que fizeram Mussolini e Salgado, Araújo (2017: 331) sugere que o papel nacional na “luta de nações” não implica necessariamente em atacar outras nações, mas apenas em se defender. Como justificativa, diz que o verdadeiro inimigo não é “a Rússia nem a China”, mas sim “um inimigo interno, o abandono da própria identidade”. Soma-se ao Islã. Araújo diz, portanto, que o inimigo do Ocidente não é um Estado-nação em si, mas a perda dos valores tradicionais em função de um internacionalismo que ignora a primazia do nacionalismo. Uma perda que o fundamentalismo muçulmano está ciente e se aproveita, já que eles, sim, estão dispostos a morrer nesta guerra invisível (ARAÚJO, 2017: 331). Mas o Islã é um inimigo secundário, pois só representa uma ameaça por culpa do próprio Ocidente e o abandono de seu espírito. É preciso, como ele diz, uma grande catarse para tornar o Ocidente grande novamente, “realçar a figura do herói [...] uma terapia civilizacional cuja chave está em reencontrar o contato com um inconsciente

coletivo abandonado, sufocado sob os golpes do liberalismo tecnocrático e do politicamente correto” (ARAÚJO, 2017: 331).

Araújo (2017: 332) coloca-se como opositor ferrenho do que enxerga como diversidade. Ou, em suas palavras, a contaminação da cultura ocidental e a perda da identidade pela assimilação parcial de imigrantes. Em vez de exaltar a sua cultura, afirma, o homem ocidental “por vezes até mesmo celebra a substituição de sua cultura por aquela dos imigrantes não ocidentais que chegam em número crescente” (ARAÚJO, 2017:332). Isso porque, lançando mão de supostos argumentos psicanalíticos e evocando Carl Gustav Jung, o Ocidente está “psiquicamente doente” e precisa retornar ao arquétipo do herói. Somente ao retornar o heroísmo de outrora, poderá se recuperar e deter “o avanço desse impulso autodestrutivo” (ARAÚJO, 2017:332).

Se agarra, para fundamentar sua argumentação, em um “pan-nacionalismo”, uma grande coligação de nações que valorizem o princípio do nacionalismo e da cultura nacional; e que a própria ONU, por ser “nações unidas”, consiste nesse princípio. Apoiar-se em uma ideia de que não existem valores universais, ou direitos universais — como os direitos humanos —, “que se sobreponham à identidade de cada nação e de cada civilização. Os valores só existem dentro de uma nação, dentro de uma cultura, enraizados em uma nação, e não em uma espécie de éter multilateral abstrato” (ARAÚJO, 2017: 333). Não cabe, assim, a entidades “globalistas” a influência ou a militância sobre valores nacionais, considerando que não possuem competência para tal. Lançando mão, uma vez mais, do espantalho “globalista”, faz juras da necessidade de se opor à ONU como entidade “embrião de um governo mundial”, ou mesmo de uma união global.

Araújo (2017: 333) explica, porém, que não se trata de uma ideia imperialista — da mesma forma que Mussolini (2006) e Salgado (1950) também defendiam. A “luta de nações”, sugere, assim como seus antecessores, é um mecanismo de defesa, não uma imposição sobre outras regiões. O Ocidente não aspira à invasão do alheio, mas à defesa do seu. Ou, melhor, ao resgate do seu. O “pan-nacionalismo”, ou “anticosmopolitismo radical”

(ARAÚJO, 2017:334), visa fazer com que cada nação entenda seus deveres na arena internacional, mas também perceba que não é um aglomerado amorfo, mas idiossincrático. O complexo geopolítico existe não para questionar o princípio nacional, mas para reforçá-lo, ao promover “o princípio da nação como, primordialmente, espaço de preservação da própria identidade” (ARAÚJO, 2017:334). Assim, o foco da nação deve ser ela acima de tudo, acima de todos, sintetizado por ideias como “America first”, “Deutschland über alles” ou “Brasil acima de todos”. Cada nação deve se concentrar em si própria, em sua identidade, rejeitando a contaminação desta pela diversidade; o que é sintetizado por um fragmento do discurso de Trump que Araújo menciona: “Como presidente dos Estados Unidos, colocarei sempre a América em primeiro lugar, do mesmo modo que vocês, líderes de seus países, sempre colocarão seus países em primeiro lugar” (ARAÚJO, 2017:334).

Não obstante, Araújo (2017: 335) não se exime do anacronismo ao identificar o nacionalismo na Grécia antiga. Ressalta a Batalha de Salamina como o gênese do suposto pan-nacionalismo ocidental, dado que os gregos foram responsáveis por salvar “o Ocidente em seu nascedouro” dos persas (ARAÚJO, 2017: 335). Além disso, afirma que a noção de nacionalismo em si é uma criação do Ocidente, surgida pela necessidade de união contra o invasor. Segundo Araújo, o Oriente, utilizando o exemplo do Egito antigo, não teria experimentado, na época, o mesmo tipo de clamor pela pátria (ARAÚJO, 2017: 337). E, a partir disso, ele reforça a importância de que as nações ocidentais se unam novamente frente ao inimigo externo. Indica em seu texto, portanto, que ontem como hoje, a lógica do Ocidente é bélica: ele se manifesta a partir da luta contra os muçulmanos, os persas ou quaisquer outros povos estranhos:

As cidades gregas formam diante dos invasores persas a primeira aliança do Ocidente, esse Ocidente que então se limitava à Grécia, mais ou menos nos moldes descritos por Trump, uma comunidade de nações independentes, ferozmente independentes, mas que ao mesmo tempo se concebiam como um conjunto completamente diferente do invasor ou de todo o resto do mundo, e unidos não por algum tipo de conveniência geoestratégica, não para preservar as rotas comerciais ou algo assim, mas para defender a

liberdade, a família, a sua herança cultural e os seus deuses. Unidos por alguma coisa que decidem chamar de “pátria”. [...] Ainda bem que esses gregos — nossos antepassados! — ainda bem que eles não tentaram a via da tolerância e do diálogo, ainda bem que eles não excluíram a opção militar, ainda bem que não desistiram. O Ocidente nasce em Salamina, nasce na luta, o Ocidente não nasce no diálogo nem na tolerância, nasce na defesa de sua própria identidade (ARAÚJO, 2017: 335-336).

Araújo (2017: 336) reforça, em seus enunciados, o que ele entende como problema da “via da tolerância e do diálogo”: ela é incapaz de enfrentar os impulsos destrutivos do “Outro”. Em um culto bélico típico do fascismo⁸ ele exalta “a opção militar” e “a luta” (ARAÚJO, 2017: 336). Segundo Araújo, o Ocidente é formado a partir da opção pela guerra. Ele afirma que o Ocidente, em suas próprias palavras, nasce da violência, mas uma violência poética, pois é uma poesia que trata de valores como “pátria, liberdade, o sentimento da história, o mito” (ARAÚJO, 2017: 337). A tolerância e o diálogo acabam sendo, da mesma forma que eram para Mussolini e Salgado, implicitamente associados a homens fracos, efeminados e incapazes de defender seus valores e identidades. Araújo chega a afirmar explicitamente que “o Império Persa era o globalismo da época” (ARAÚJO, 2017:336).

O Ocidente, para Araújo (2017: 338), nasce, então, da Grécia. A civilização grega é responsável por impulsionar o sentimento de pátria, o princípio de lutar — e morrer — por algo maior. Os orientais, como o Egito, a Índia, o Japão ou a China, lutavam pelo soldo, ou no máximo por uma “fidelidade facilmente reversível” a algum imperador, enquanto os gregos se lançavam em função da união “indissociável da liberdade, família, história e

⁸ Entre as características que se mantêm em diversas das manifestações do conceito de fascismo, conforme seu deslocamento no espaço-tempo, uma das principais é o belicismo. Desde a versão de Mussolini, o fascismo se baseia em uma tanatofilia cujo cerne é a ideia de que é preciso uma mobilização e guerra permanentes contra um inimigo desumanizado específico. No limite, a morte se torna louvada, quase necessária, algo sintetizado em lemas como o dos *Squadristi*, “Me ne frego” (não me importo), ou no dos Falagistas, “viva la muerte!”. Mussolini (2006, p. 244, tradução nossa) advoga a necessidade de homens destemidos, desprovidos de medo da morte, para conduzir a Itália a um “novo modo de vida”. Além disso, ele vai além, afirmando em sua *Doutrina* que o pacifismo, a felicidade e a igualdade geram indivíduos bestializados, debilitados e enfraquecidos: “o postulado prejudicial da paz é hostil ao Fascismo” (MUSSOLINI, 2006, p. 244, tradução nossa).

crença”, que, em amalgama, formam a pátria. Importante perceber como Araújo (2017: 338) lança mão também da ideia de família como pilar da nação, semelhante ao que fazia Salgado (1950)

Se os orientais, hoje, também se apropriam do nacionalismo, isso se dá por influência e necessidade imposta pelo Ocidente em si. E o são, como Araújo (2017:338) identifica, profundamente protecionistas em relação às suas culturas e identidades, sem que sejam chamados de fascistas por isso. Araújo (2017: 338) entende que a nomenclatura de “fascista” se tornou uma ferramenta do “politicamente correto” para diminuir aqueles que estão preocupados em proteger sua própria nação da influência estrangeira; entretanto, apenas quando se refere aos ocidentais: “Só se contesta a identidade, só se prega a diversidade no Ocidente. [...] Por que só o Ocidente teria a obrigação da diversidade, por que só o Ocidente não teria direito à sua identidade?” (ARAÚJO, 2017:338).

Para Araújo (2017: 349), o corolário da hipocrisia da esquerda se dá em relação à África, na qual a diversidade é a suposta causa dos consecutivos e violentos conflitos. Ora, afirma, se assim o é, por que o Ocidente deve, então, abraçar a diversidade? Em seu binarismo, interpreta que a única forma de aceitar a promoção da diversidade em alguns lugares e não em outros seria “supor que determinados povos têm capacidade de conviver com a diversidade, outros não — uma explicação que, evidentemente, os praticantes da ideologia dominante rejeitariam escandalizados” (ARAÚJO, 2017: 349). Araújo (2017: 349) ignora, no processo, uma ampla gama de fatores e crê unilateralmente que a esquerda — “ideologia dominante” — através de uma “lógica stalinista” impõe uma camisa de força ao Ocidente, forçando-o a aceitar outras etnias que não, como deixa implícito, apenas os brancos.

Mas apenas do que o “politicamente correto”, Araújo (2017: 338) crê que a vergonha em se saber ocidental, em se entender como nacionalista no Ocidente, é fruto da derrota do Eixo na Guerra. Visto que, reitera, o nacionalismo se tornou associado com o Nazismo. Esquecem-se, porém, de acordo com o autor, que o Nazismo era um nacionalismo-socialista: “nazismo = nacional socialismo, ou seja, o socialismo nacionalista” (ARAÚJO, 2017: 342).

Incorrendo no mesmo argumento utilizado por Geert Wilders (RIEMEN, 2012) e reciclando, em certos aspectos, as ideias de Salgado (1950) em seu *Manifesto-diretiva* de que o Nazismo seria irmão do Stalinismo, Araújo (2017:338, 341) afirma que a violência nazifascista se deu mais por seu caráter socialista do que nacionalista. Nesse sentido, é injusto o caráter infame que se atribuiu ao nacionalismo no pós-guerra, quando o Japão, também membro do Eixo, não “sofreu o aniquilamento, a invalidação de toda a sua cultura pregressa como a Alemanha, por exemplo, sofreu” (ARAÚJO, 2017: 338). A Segunda Guerra em si, argumenta, teria sido erroneamente interpretada como uma luta entre o nacionalismo e o “globalismo”, quando não passou de uma disputa entre nações (ARAÚJO, 2017:338).

O sentimento genuíno de nacionalismo, decorrente da necessidade efetiva de defesa do Estado-nação, foi, assim, capturado e corrompido pelo nazifascismo e “seus fins malévolos” (ARAÚJO, 2017: 342). O nazifascismo, portanto, é uma força corruptora do legítimo nacionalismo, uma deturpação dos juízos tipicamente ocidentais pela influência — uma vez mais — do comunismo/socialismo. Assim como o marxismo destrói e corrompe tudo que toca, o nacionalismo também se tornou sua vítima: “a gigantesca máquina de propaganda marxista conseguiu apagar qualquer traço do caráter essencialmente socialista do fascismo e do nazismo, colocando sobre o nacionalismo toda a culpa pela catástrofe” (ARAÚJO, 2017: 342).

Como mostra João Cezar de Castro Rocha (2020: 175), o exagero e a hipérbole são mecanismos dos quais Olavo de Carvalho e seus correligionários frequentemente lançam mão. Tudo é grandioso, tudo é onipotente: o marxismo colossal domina o mundo, os bilionários, as nações, as indústrias. Há uma permanente sensação de perigo invisível, que nunca se concretiza, mas está sempre ali.

Mas, afinal, o que é uma nação? “Comunidades imaginadas”, nas palavras de Anderson (1993), um termo com riqueza teórica e conceitual ampla, com debates historiográficos que perpassam sua criação. Importante ressaltar que até o crepúsculo do século XIX, a ideia dominante de nação a entendia

como não mais do que um aglomerado de pessoas em uma região (HOBSBAWM, 1990: 27), do qual se entende o anacronismo de Araújo ao deslocar o nacionalismo para o período clássico. Para Hobsbawm (1990: 19), a nação não é uma constante na História humana, mas um fenômeno moderno e de difícil definição. Partilhar línguas e culturas, por exemplo, geralmente apontados como características essenciais de uma nação, não é uma definição suficiente para o conceito, considerando a quantidade de etnias que partilham esses aspectos sem, no entanto, formarem um Estado-nacional: “Ela é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno, o ‘Estado-nação’; e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora desta relação”. Ou, ainda, pessoas podem partilhar características de uma nação sem pertencerem a ela, como no caso da comunidade judaica fora de Israel. Em suma, a nação não é uma entidade metafísica presente desde o alvorecer humano, mas uma construção baseada nas configurações de um Estado, em oposição às cidades-nações do passado. Ademais, Araújo (2017: 339) transforma a nação em uma noção hermética, congelada, ao proclamá-la como “um fato indelével e fundacional na vida do indivíduo como o seu próprio nascimento”. Uma prisão em si mesma, da qual o indivíduo não pode — ao menos em sua visão — escapar. Não à toa, a compara com sua visão de gênero, também uma camisa de força sobre a qual um indivíduo deve permanecer encarcerado por toda a sua vida.

O “marxismo cultural globalista” (ARAÚJO, 2017: 339) busca, não sem motivo, enfraquecer essas masmorras. Ao fragilizar a noção de gênero, fragiliza-se a família e, por fim, a nação, uma vez que a nação é formada pelo princípio da família. A “ideologia de gênero”, portanto, não é uma deturpação do campo científico dos estudos de gênero, mas uma ferramenta para corroer as entranhas do princípio nacional e estabelecer uma união global amorfa. Em outras palavras, a defesa de que as pessoas possam alterar seu gênero — ou mesmo as pautas LGBTQIA+ — não passa de um método para o “neomarxismo”:

Não por acaso o marxismo cultural globalista dos dias atuais promove ao mesmo tempo a diluição do gênero e a diluição do sentimento nacional: querem um mundo de pessoas “de gênero fluido” e cosmopolitas sem pátria, negando o fato biológico do nascimento de cada pessoa em determinado gênero e em determinada comunidade histórica. Aliás, ainda sou do tempo em que ouvia professores marxistas na universidade conclamando cada jovem de todo o mundo a “lutar pela libertação da sua comunidade histórica”, o que soava falso, mas que pelo menos ainda continha um eco de Ésquilo, uma maneira leninista de dizer *eleutheroúte patrída*. Já hoje o marxismo conclama a destruir o conceito de comunidade histórica, a nação, e não fala mais de liberdade, hoje quer um mundo de fronteiras abertas onde todos são imigrantes e ninguém pode identificar-se com a sua terra nem com a sua gente sem ser chamado de fascista. Nos dois casos, a negação do gênero e a negação da nacionalidade, o marxismo cultural busca o mesmo objetivo: enfraquecer o ser humano, torná-lo uma paçoca maleável incapaz de resistir ao poder do estado, criar pessoas inseguras, desconectadas, incapazes de assumir um papel social próprio ou de ter ideias que não sejam os chavões politicamente corretos veiculados na mídia (ARAÚJO, 2017:339).

No entanto, o encarceramento pelo nacionalismo e pelo gênero não é um “mal necessário”, mas um aspecto fundamental, pois aponta que quando o homem se distancia do nacionalismo, a tendência é o desastre; traz como exemplo a Idade Média em si (ARAÚJO, 2017: 340). A humanidade somente volta a prosperar quando o Ocidente entende novamente a importância do Estado-nação e, mais do que isso, a necessidade de lançar-se à “reconquista (bem-sucedida na Península Ibérica, não tanto na Terra Santa)” (ARAÚJO, 2017:340) contra os eternos inimigos muçulmanos. A “fé cristã” (ARAÚJO, 2017:340) foi o ponto de partida necessário, o grande sol sobre o qual passaram a orbitar as nações e o nacionalismo.

Contudo, uma catástrofe veio em 1789. No mais puro epítome de reacionarismo, Araújo (2017: 340), como qualquer reacionário, rejeita a moral da Revolução Francesa. Se o anticomunismo se fez ver em todo o texto, nesta página em particular reforça-se o antiliberalismo, que já estava presente nas declarações anticosmopolitas e antielite. Entende Araújo (2017: 340) que a Revolução contestou o nacionalismo. Embora tenha se iniciado com reivindicações importantes, a ruptura acabou sendo inundada por “discurso

ideológico” de intelectuais que a capturaram como forma de tomar o poder (ARAÚJO, 2017:340). Alguns deles, radicais, antecipavam o “globalismo” e se pautavam em favor da completa aniquilação de ideias como nação, família e classes; ou, como diz, “o laboratório onde se criaram os vírus de todos os despotismos que avassalaram o mundo desde então” (ARAÚJO, 2017:341). Com horror, reafirma que o “politicamente correto” faz com que “Na escola, todos aprendamos a celebrar esse momento tenebroso da história” (ARAÚJO, 2017:340). A situação apenas se pacificou conforme Napoleão Bonaparte retornou a França ao status de nação.

Os valores da Revolução Francesa, defende Araújo (2017: 347), foram responsáveis por instilar o embrião do comunismo na comunidade internacional: o niilismo. O niilismo que daria origem ao comunismo tem sua origem nos “philosophes ateus anticristãos que prepararam a Revolução Francesa”, e veste suas roupagens no contemporâneo por meio do “marxismo cultural” (ARAÚJO, 2017:347). Ignorando completamente o Niilismo russo como movimento político-filosófico, Araújo confunde niilismo com ateísmo, esvaziando todo o complexo de ideologias de esquerda ante a pretensão do vazio. Cabe aos EUA, uma vez mais, defender o Ocidente. Todavia, a nação estadunidense se enfraqueceu no século XXI, ao acreditar que “quando o comunismo acabou, estava feito o trabalho, fim da história. Mas nada acabou” (ARAÚJO, 2017:347). Argumento bastante próximo, desta forma, com os de Coutinho (2002). Os EUA iam adentrando o mesmo espaço niilista do vazio, a mesma decadência europeia. Iam perdendo o grande jogo de futebol americano, seguindo a metáfora de Araújo. Mas eis que Donald Trump surge como salvador, como Messias para salvar a nação (ARAÚJO, 2017:347). Mais do que apenas um Messias, Trump recebe uma roupagem divina, visto de fato como Deus na terra:

Não se deve ler Trump pela chave das relações internacionais ou da ciência política, mas sim da luta titânica entre a fé e sua ausência, entre o mundo construído pela fé e o mundo que vai sendo destruído pelos “valores”. Podemos não querer estar do mesmo lado de Trump nessa luta, mas precisamos reconhecer que ele a postula, que ele é um líder nesse combate, que não é um “bilionário governando para

bilionários” como algum detrator o chamou. Bilionário não diz we want God. [...] Nesse mundo ocidental desnacionalizado, nenhuma agência humana, mas somente sobre humana, somente um Deus poderia vir em socorro. [...] Somente um Deus poderá salvar nos, dar nos sentido — se Ele o quiser, se nós O quisermos. [...] Somente um Deus poderia ainda salvar o Ocidente, um Deus operando pela nação — inclusive e talvez principalmente a nação americana. [...] somente Trump pode ainda salvar o Ocidente (ARAÚJO, 2017:351, 355).

Não apenas o escrito de Araújo (2017) apresenta um teor reacionário, como também se aproxima dos argumentos da extrema direita europeia ao importar, por exemplo, uma islamofobia que aparenta ser despropositada e deslocada ao contexto brasileiro.

Por fim, segue a síntese das características apreendidas do texto de Ernesto Araújo:

Tabela 1 - Tabela de características de *Trump e o Ocidente*

Bolsonarismo	Trump e o Ocidente
<i>Conceito</i>	Característica
<i>Anticomunismo</i>	O marxismo evolui: marxismo-nacionalista (nazifascismo), marxismo-leninista (comunismo soviético), marxismo-gramscista (“neo”marxismo) O comunismo assume diferentes métodos à tomada do poder, o gramscismo é um deles O comunismo/socialismo inevitavelmente se torna totalitário
<i>Antiliberalismo</i>	O liberalismo/cosmopolitismo é o pai do comunismo O liberalismo é responsável pelo globalismo e pela degeneração nacional
<i>Antissemitismo</i>	Reciclagem do mito do “judeu internacional”
<i>Autoritarismo</i>	Anti-intelectualismo: políticos hiperintelectualizados são incapazes de salvar o Ocidente Maniqueísmo “ideológico”: apenas o lado oposto é ideológico Culto ao belicismo, aos “heróis” que morreram dando o sangue pela nação Rejeição da “tolerância e do diálogo” (ARAÚJO, 2017: 336) Inimigo objetivo: o islã. Islamofobia

	<p>Tanatofilia, culto à morte em função do bem maior</p> <p>“Guerra”, “inimigo”, “luta”, “batalha” como alguns dos termos mais frequentes</p> <p>Trump como Messias e Polônia como símbolo da reação do Ocidente</p> <p>Messianismo</p>
<i>Fundamentalismo cristão</i>	<p>Cristianismo corrompido em função do globalismo, imigração e diversidade</p> <p>Cristianismo como grande sol sobre o qual passaram a orbitar as nações e o nacionalismo</p> <p>O ateísmo enfraquece a nação</p> <p>Exaltação de uma arte “que honra a Deus”</p>
<i>Nacionalismo</i>	<p>A nação e o gênero são “prisões” sobre as quais os indivíduos devem permanecer para sempre</p> <p>“Nação”, “nacionalismo”, “comunidade”, “pátria”, “nacional” como alguns dos termos mais frequentes</p> <p>Pátria como união “indissociável da liberdade, família, história e crença” (ARAÚJO, 2017:338)</p>
<i>Racismo</i>	<p>Diversidade étnica como aspecto negativo e fragilizante da nação</p>
<i>Reacionarismo</i>	<p>Campo político degenerado, nação tomada por forças da esquerda</p> <p>Conspiracionismo paranoico: uma grande conspiração internacional das esquerdas</p> <p>Ocidente em permanente batalha</p> <p>Se pauta contra o “globalismo”: “cada pessoa se desenvolve como membro de uma comunidade nacional, não como ‘cidadão do mundo’” (ARAÚJO, 2017:334)</p> <p>“O princípio da nação como, primordialmente, espaço de preservação da própria identidade” (ARAÚJO, 2017:334)</p> <p>Diversidade e imigração contaminam a cultura nacional</p> <p>Defesa de um “pan-nacionalismo”: união nacionalista de Estados-nação</p> <p>Oposição à ONU como entidade do “globalismo”</p> <p>“Luta de nações”</p> <p>O princípio do Estado-nação é fundamental para o Ocidente</p> <p>Ocidente como cosmovisão de ideais nacionalistas</p> <p>Somente o ideal de nacionalismo pode salvar o Ocidente</p> <p>Se coloca contra o “globalismo”, atualização da ideia de</p>

	<p>anticosmopolitismo ou anti-internacionalismo</p> <p>Cristianismo corrompido em função do globalismo, imigração e diversidade</p> <p>Esquerda promove destruição de valores pilares da civilização ocidental</p> <p>Valores tradicionais foram abandonados e isso fortalece a esquerda</p> <p>Conspiracionismo paranoico: o marxismo com muito mais força do que tem de fato, como entidade que controla secretamente toda a nação</p> <p>A liberdade de expressão está sendo substituída pelo “politicamente correto”</p> <p>Retórica da perversidade: a utopia comunista acaba por gerar totalitarismo</p> <p>Retórica da ameaça: o comunismo ameaça as posses, valores e a civilização ocidental</p> <p>Revisionismo histórico: Nazismo como movimento de esquerda</p> <p>A nação está degenerada pelo “politicamente correto” (ARAÚJO, 2017:338)</p> <p>Culto à cultura clássica, em particular à Grécia antiga</p> <p>Família como pilar da nação</p> <p>Revisionismo histórico: Polônia como vítima e não perpetradora do Nazismo</p> <p>Cenário político e cultural degenerado/discurso sacrificial de resgate ao passado idealizado</p> <p>Valorização de heróis, da tradição e dos costumes</p> <p>Doutrinação “ideológica”, aprende-se a exaltar os princípios liberais e comunistas da Revolução na escola</p> <p>“Destino”, “família”, “passado”, como alguns dos termos mais frequentes</p> <p>Rejeição radical dos princípios do Iluminismo e da Revolução Francesa</p> <p>Ao fragilizar a noção de gênero, fragiliza-se a família, e, por fim, a nação, dado que a nação é formada pelo princípio da família</p> <p>A Grécia antiga fundou o princípio de nacionalismo com a união contra os invasores persas</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em *Trump e o Ocidente*.

Considerações finais

Por meio de análise de conteúdo sobre um dos principais materiais intelectuais do Bolsonarismo, este artigo buscou discutir em profundidade algumas de suas características, em diálogo com elementos que apareceram em outros momentos do movimento. Na prática, o texto de Araújo mostra que o Bolsonarismo não surgiu do vácuo, mas partiu de um movimento em gestação por décadas, absorvendo características de antecessores como a Ditadura Militar, o fascismo e o Integralismo.

Não obstante possuir características em comum com o movimento que tomaria forma mais definida nos anos seguintes, o texto de Araújo apresenta algumas dissidências. Na verdade, aparenta estar mais em sintonia com propostas e discursos da extrema direita europeia, ainda que regurgite o mesmo anticomunismo de Bolsonaro. Como ressaltado, a islamofobia — e mesmo o antissemitismo, sobre a figura de Soros —, ainda que possam ser pontualmente identificados no Bolsonarismo, certamente são secundários. Em *Trump e o Ocidente*, a paranoia de uma invasão bárbara de hordas islâmicas se coloca como ponto principal, conforme Araújo se pergunta qual o papel do Brasil neste Ocidente.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Ernesto. Trump e o Ocidente. **Cadernos de Política Exterior**, n. 06, 2017. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/CADERNOS-DO-IPRI-N-6.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

BERNHARD, Thomas. **Praça dos heróis**. São Paulo: Editora Temporal, 2020.

BRAY, Mark. **Antifa: o manual antifascista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

BURNHAM, James. **O suicídio do Ocidente: um ensaio sobre o significado e o destino do esquerdismo**. Campinas: Vide Editorial, 2020.

BUZZATI, Dino. **O deserto dos Tártaros**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

CARVALHO, Olavo de. **O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

CARVALHO, Olavo de. **Os Eua e a nova ordem mundial: um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho**. Campinas: Vide Editorial, 2012.

COUTINHO, Sergio Augusto de Avellar. **A revolução gramscista no Ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci em os Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Estandarte Editora E.C. Ltda., 2002.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Tribunal no Peru acusa bilionários Bill Gates e George Soros de fabricarem o novo coronavírus**. 12 jan. 2021. Disponível em: <https://www.dn.pt/internacional/tribunal-no-peru-acusa-bilionarios-bill-gates-e-george-soros-de-fabricarem-o-novo-coronavirus-13221507.html>. Acesso em: 03 jan. 2022.

GEISELBERGER, Heinrich (org.). **A grande regressão**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O Fascismo em camisas verdes: do Integralismo ao neoIntegralismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KIRBY, Paul. Os números que mostram o avanço do antissemitismo na Europa. **BBC Brasil**. 16 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46557375#:~:text=%2D%2047%25%20se%20preocupam%20com%20a,ocasi%C3%B5es%2C%20por%20temer%20pela%20seguran%C3%A7a>. Acesso em: 27 mar. 2022.

MAISTRE, Joseph de. **Considerations on France**. London: McGill-Queen's University Press, 1974.

MARTINS, Célio. Antiglobalistas brasileiros criam dia global contra George Soros. **Gazeta do Povo**, 28 jul. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/certas-palavras/george-soros/>. Acesso em: 02 jan. 2022.

MCEWAN, Ian. **A barata**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MENEZES, Sergio Schargel Maia de. Pode o conceito de fascismo ser aplicado ao Brasil? Uma análise sobre os diversos materiais discursivos do Fascismo, Integralismo e Bolsonarismo em seus diversos ciclos e estágios. Dissertação de mestrado em Ciência Política. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), 2022. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13612/3.1MENEZES%2c%20Sergio%20Schargel%20Maia%20de.%20Disserta%20c3%a7%20a3o%20%282%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MUSSOLINI, Benito. **My autobiography**: with “The political and social doctrine of Fascism”. New York: Dover Publications, 2006.

OPEN SOCIETY FOUNDATIONS. **Who we are**. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/who-we-are>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ORTIZ, Délis. Ernesto Araújo pede demissão do Ministério das Relações Exteriores. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/29/ernesto-araujo-ministro-das-relacoes-exteriores-pede-demissao.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2021.

PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998:01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>.

RIEMEN, Rob. Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. Entrevista concedida a Sergio Schargel. **Revista Cantareira**, n. 33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40711>.

RIEMEN, Rob. **O eterno retorno do Fascismo**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

RUDIN, Mike. Por que o bilionário George Soros é odiado pela direita radical. **BBC**, 15 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49657144>. Acesso em 03 jan. 2022.

SALGADO, Plínio. **O Integralismo perante a nação**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.

SCHARGEL, Sergio. Bolsonarism, a phenomenon that surpasses the Messiah. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. 67, n. 246, 2022:347-351. doi: <http://dx.doi.org/10.22201/fcpys.2448492xe.2022.246.80794>.

SOROS, George. **Globalização**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SPERB, Paula. Procurador-geral, pai do chanceler Ernesto Araújo dificultou extradição de nazista. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/procurador-geral-pai-do-chanceler-ernesto-araujo-dificultou-extradicao-de-nazista.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ZÚQUETE, Pedro. Novos tempos, novos ventos? A extrema direita europeia e o Islão. **Análise Social**, v. 46, n. 201:653-677.

Recebido em: 17 de setembro de 2022

Aceito em: 30 de maio de 2023